

Ciclo de atividades: Quem tem medo da geografia?

A Comissão de Interseccionalidades do Centro de Estudos Geográficos “Filipe Varea Leme” propõe a realização de um ciclo de atividades com intuito de colocar em pauta o debate interseccional na geografia.

Nosso principal objetivo é refletir sobre qual geografia as universidades brasileiras estão produzindo e, principalmente, **quem** está produzindo essa ciência.

Nos últimos anos estamos percebendo um aumento na diversidade dos ingressantes dos cursos de graduação, sobretudo devido a implantação da Lei de Cotas em 2012. Desde então, o número de estudantes pretos, pardos e indígenas aumentaram, assim como o número de pesquisas sobre o tema. A grande mudança aqui é que pessoas que historicamente foram objetos, agora tem a oportunidade de serem sujeitos de sua própria pesquisa.

Tal mudança traz um debate pouco falado na universidade desde sua fundação: outras epistemologias para a ciência geográfica. O que vemos é um aumento de pesquisas sobre geografias das populações tradicionais, feministas, LGBTQIA+, negras e etc. Entretanto, todas essas **geografias** - e colocamos no plural, porque de fato existe uma pluralidade de ideias e métodos - são invisibilizadas pela Academia.

Na Geografia da USP (considerada a “melhor” da América Latina), 94% dos/as autores/as são brancos e 83% são homens¹. Além disso, dos autores não-brasileiros,

¹ BENEDETTI, Amanda. “Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores”: tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp. Orientador: Eduardo Donizetti Giroto. Trabalho de Graduação Individual: Universidade de São Paulo, 2019.

68% são da Europa². Isso nos faz retomar a questão: quem produz essa geografia e que geografia é essa?

É possível perceber que uma mudança de perfil vem acontecendo, mas que, na prática, não se realiza na estrutura da universidade que continua perpetuando quase que exclusivamente uma visão branca, machista e eurocentrada. Por que um curso de geografia, cujo principal objeto de estudo é o espaço geográfico, não nos traz perspectivas de geografias de outros territórios?

É por isso que organizamos esse ciclo de atividades: para trazer outras perspectivas de geografias, nos mostrando outras visões de mundo e outros conceitos para corpo, território e cotidiano.

O objetivo final é refletir sobre as razões do apagamento de outras visões de geografia pela Universidade. Afinal, qual risco a produção dessas geografias traz? E quem tem medo dessas geografias? E além disso, pensar: quem tem medo do ensino de geografias?

² BENEDETTI, Amanda. "Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores": tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp. Orientador: Eduardo Donizetti Giroto. Trabalho de Graduação Individual: Universidade de São Paulo, 2019.

Estrutura

- Os encontros acontecerão todos no Google Meet;
- Sempre teremos até três convidadas para falar sobre o tema da semana, além de uma mediadora que é da própria Comissão;
- O evento é público, mas para que possamos emitir certificados será necessário o preenchimento do formulário ao final do evento

Datas e temas (encontros sempre às 17h)

02 NOV | Quem tem medo das geografias **feministas?**

10 NOV | Quem tem medo das geografias **dos povos tradicionais?**

18 NOV | Quem tem medo das geografias **negras?**

26 NOV | Quem tem medo das geografias **LGBTQIAP+?**

04 DEZ | Afinal, quem tem medo da geografia? (encerramento)

Quem tem medo das geografias feministas? 02 NOV | 17H

No nosso primeiro encontro, buscaremos colocar em evidência as geografias feministas que eclodem na Geografia há um bom tempo, mas que ainda assim não tem o seu devido espaço. Na nossa própria universidade, foi uma mulher que defendeu a primeira tese de doutorado do país, Maria da Conceição Vicente de Carvalho em 1944³.

Desde então, aparentemente estamos observando uma aproximação a um tom de equidade de gênero em algumas esferas, enquanto em outras, direitos vêm sendo ameaçados. Diante disso, cabe perguntar: realmente estamos diante de alguma mudança estrutural?

Como se dão as relações em espaços ocupados por mulheres, principalmente naqueles que sempre lhes foram negados? Qual é o espaço das mulheres? Afinal, quem tem medo das potencialidades das geografias feministas?

³ CORRÊA, Suzi Meire. Mulheres-geógrafas: as pioneiras do Departamento de Geografia da USP. Orientador: Eduardo Donizetti Giroto. Trabalho de Graduação Individual: Universidade de São Paulo, 2017

Quem tem medo das geografias dos povos tradicionais? 10 NOV | 17H

Esse segundo encontro colocará em evidência as geografias dos povos tradicionais e, falamos aqui de geografias e povos, pois é composto por diversos grupos e comunidades. Apesar de serem cerca de 4,5 milhões e ocuparem cerca de 25% do território nacional, apenas em 2007 o Governo Federal criou uma política para esses grupos.

Segundo o Decreto 6040/2007: “Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Estranho pensar que uma definição que traz tantos termos comuns à geografia (território, recursos naturais, econômico, cultural, social), não tenha o devido espaço em nosso curso de **geografia**. Afinal, quem tem medo das geografias dos povos e comunidades tradicionais?

Quem tem medo das geografias negras? 18 NOV | 17H

Já no terceiro encontro, iremos tratar sobre geografias negras - no plural, por se tratar de uma pluralidade de ideias. Para que possamos refletir acerca dessas geografias, cabe a mesma reflexão que trouxemos na ementa principal: somente a partir de 2012, com a Lei de Cotas, estudantes pretos, pardes e indígenas começaram a adentrar em maior número na universidade.

Em um país que foi invadido e construído historicamente com base no racismo, no genocídio, na escravidão e na necropolítica, que contribuições pesquisadores/as vem trazendo para se explicar e explicar o mundo? O objetivo aqui é ter contato com uma série de perspectivas pouco tratada durante a graduação, de maneira que possamos pensar não apenas em geografias negras, mas também em geografias antirracistas.

Quem tem medo das geografias LGBTQIAP+? 26 NOV | 17H

Esse quarto encontro colocará em evidência as geografias LGBTQIAP+. A ideia é explorar um terreno até então pouco explorado em nosso curso, se aprofundar em conceitos como corpo, território e cotidiano. É fugir um pouco do plano de ideias que foca no estrutural, para refletir em como toda essa estrutura reflete, nesse caso, nos LGBTQIAP+. Principalmente, partindo do pressuposto de que essa comunidade é muito heterogênea, havendo sempre um foco maior em homens gays e deixando de escanteio os outros grupos. Com isso, esse primeiro encontro busca discutir as razões de existir o apagamento dessas produções e pensamentos geográficos e tentar responder a questão central da atividade: quem tem medo das geografias LGBTQIAP+?

Afinal, quem tem medo da geografia? 04 DEZ | 17H

Esse último encontro é para tentar amarrar tudo o que discutimos até aqui e relacioná-lo com o ensino de nossa disciplina. Afinal, o que motivou todo esse ciclo de atividades foi um artigo veiculado na Gazeta do Povo que afirmava que a Geografia hoje, nada mais é do que a “beatificação do MST”, perdendo seu caráter enquanto ciência e se resumindo a ideologia.

Esse último encontro, irá tentar trazer diversos pensadores ligados à educação para nos falar sobre que geografia estamos ensinando e que geografia podemos ensinar nas nossas escolas? Principalmente se levarmos em consideração os constantes ataques que a educação vem sofrendo nos últimos anos, onde nossa ciência é deixada de lado, com proposições de tirá-la da grade do Ensino Médio. Qual o interesse em tirar geografia das escolas? Quem ganha com isso?

Sendo assim, o último encontro (e esse ciclo de atividades) se encaminha para responder duas principais perguntas: quem tem medo da geografia? E quem tem medo do ensino de geografia?